

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC(FN) MARCOS ROBERTO XAVIER SANCHES

GRUPAMENTO OPERATIVO DE FUZILEIROS NAVAIS HAITI:

Lições logísticas

Rio de Janeiro

2009

CC (FN) MARCOS ROBERTO XAVIER SANCHES

GRUPAMENTO OPERATIVO DE FUZILEIROS NAVAIS HAITI:

Lições logísticas

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1-FN) Ítalo de M. Pinto

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2009

RESUMO

Na presente monografia, o autor procurou analisar os principais erros e acertos logísticos relacionados ao Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais Haiti, apresentando, ao final, sugestões para futuras operações de paz. A técnica adotada consistiu da pesquisa em manuais da Marinha do Brasil e do Ministério da Defesa que tratam sobre o assunto, além da leitura dos relatórios de fim de comissão dos Grupamentos que atuaram naquele país. Cabe ressaltar que a própria experiência do autor trabalhando na área de logística em Operações de Manutenção de Paz, tanto em Angola como no primeiro contingente do Haiti, permitiu que o texto fosse enriquecido com análises apropriadas. Dessa forma, apresentou-se um breve histórico do Haiti e suas características geográficas; em seguida, enunciou-se as missões das próprias Nações Unidas, a partir de 1990, tentando restabelecer a ordem naquela ilha; e, posteriormente, discorreu-se sobre a estrutura logística desde o nível das Nações Unidas até o Componente de Apoio de Serviços ao Combate, responsável pela logística no âmbito do Grupamento. Além disso, cada função logística foi abordada e analisada, sob o enfoque dos principais erros e acertos, sendo ao final sugeridas medidas que possam contribuir para a melhoria da eficiência logística em futuras missões dessa natureza.

Palavras-chave: Operações de Manutenção da Paz. Haiti. MINUSTAH. Logística. Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais Haiti.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	A MINUSTAH.....	6
3	APOIO LOGÍSTICO NAS OPERAÇÕES DE MANUTENÇÃO DE PAZ	9
4	GPTOPFUZNAV HAITI: ERROS E ACERTOS LOGÍSTICOS.....	11
4.1	Recursos Humanos.....	11
4.2	Suprimentos.....	13
4.3	Saúde.....	16
4.4	Manutenção.....	18
4.5	Engenharia.....	19
4.6	Transporte.....	21
4.7	Salvamento.....	22
5	CONCLUSÃO.....	23
	REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Os tolos dizem que aprendem com os seus próprios erros, eu prefiro aprender com os erros dos outros.

Otto Von Bismarck

Em 1982, a vitória dos britânicos sobre os argentinos na Guerra das Malvinas deveu-se a diversos fatores, sendo o logístico um dos mais relevantes. Inúmeros foram os erros logísticos cometidos por ambas as partes, mas, ao final do conflito, as falhas dos perdedores foram as que ganharam destaque. Em Vidigal (1985, p.17), destaca-se que:

O maior fracasso logístico argentino deveu-se à sua dependência de fontes externas para a obtenção de importantes peças de reposição, necessárias à manutenção de equipamentos e sistemas em condições operativas normais [...]. Não foram pequenas as dificuldades argentinas resultantes da impossibilidade de obter tanques de combustíveis descartáveis para os aviões, que estavam operando no limite de seu raio de ação.

Da mesma forma que nas operações militares de guerra, em uma Operação de Manutenção de Paz (OMP), categoria de operação de não-guerra, a logística apresenta características peculiares e fundamentais para o sucesso da missão. Isso advém do fato dessas operações serem conduzidas, na maioria dos casos, em países em situação de crise, com suas infra-estruturas abaladas por essa situação (BRASIL, 2007b).

Até 2004, o Brasil tinha participado com tropas em Forças de Paz da ONU em Suez (1956-1965), Moçambique (1994), Angola (1995-1997) e Timor Leste (1999-2003) (CORREA e MENDES, 2006).

Na UNAVEM III (terceira Missão de Verificação Militar das Nações Unidas em Angola), o Corpo de Fuzileiros Navais se fez representar por uma Companhia de Fuzileiros Navais (CiaFuzNav) e um Pelotão de Engenharia de Fuzileiros Navais (PelEngFuzNav) (RIBEIRO, 2007). Em que pese o sucesso da Missão, um dos erros logísticos identificados pelos fuzileiros foi a falta de uniforme apropriado para operação em clima frio, pois, apesar de ser realizada na África, a temperatura oscilava entre menos quatro graus centígrados (-4°C), à noite, e trinta e oito graus centígrados (38°C), durante o dia (SILVA,1999). Certamente, essa falha no planejamento logístico refletiu na eficiência do soldado em operação.

No início de 2004, o Haiti, por estar vivendo grave crise institucional, solicitou a intervenção das Nações Unidas. A ONU, por meio de seu Conselho de Segurança, concordou em estabelecer a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) convidando o Brasil para comandá-la. O país aceitou o convite e decidiu enviar para o Caribe

uma Brigada constituída por um contingente de 1.200 militares, dos quais cerca de 230 integram um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav)¹ (BOTELHO, 2008).

No campo militar, as Forças Armadas brasileiras, em especial os Fuzileiros Navais, têm aproveitado essa oportunidade para atingir alguns efeitos positivos. Dentre esses, a publicação EMA-402 enuncia a experiência profissional em zona de conflito e o **exercício das funções logísticas** (grifo nosso) (BRASIL, 2002a).

Este trabalho, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, tem o propósito de contribuir para a discussão do desenvolvimento das atividades logísticas pelos GptOpFuzNav em uma Operação de Paz. Serão apontados os principais erros e acertos, tendo como referência os aprendizados logísticos colhidos na MINUSTAH, e apresentadas, ao final, sugestões a serem observadas em futuras missões dessa natureza.

Nesse contexto, foram utilizados, como pressupostos teóricos, os preceitos descritos nos manuais doutrinários da Marinha do Brasil (MB) e do Ministério da Defesa (MD) que tratam sobre as Operações de Paz e Logística.

Esta introdução constitui o primeiro capítulo. O segundo capítulo tratará do Haiti e a MINUSTAH. Em seguida, serão feitas algumas considerações sobre como se processa a logística em uma Missão de Paz. Após isso, explanar-se-á sobre os erros e acertos identificados, por funções logísticas, baseado nos relatos dos contingentes e na experiência do autor em missões de paz². Por fim, durante a conclusão, serão apresentadas algumas sugestões de natureza logística a serem observadas durante o planejamento e execução de futuras operações de paz, como forma de contribuição para a sedimentação e registro das lições aprendidas.

¹ GptOpFuzNav é, genericamente, uma organização-por-tarefas nucleada por tropa de Fuzileiros Navais, constituída para o cumprimento de missão específica e estruturada segundo o conceito organizacional de componentes, que grupa os elementos constitutivos de acordo com a natureza de suas atividades (BRASIL, 2008a, p. 1-1).

² O autor comandou o Pelotão de Serviços Gerais da 4ªCiaFuzNav do Batalhão ANGOLA, 1º contingente (1995-1996) e o Componente de Apoio de Serviços ao Combate (CASC) do GptOpFuzNav HAITI, 1º contingente (2004).

2 A MISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ESTABILIZAÇÃO DO HAITI (MINUSTAH)

2.1 O Haiti

Não é o escopo desta seção discorrer profundamente sobre a história do Haiti, mas sim apresentar os principais aspectos, desde a sua descoberta até o ano de 1990, antes do início das intervenções da ONU.

O Haiti é um Estado localizado na América Central, na parte ocidental da Ilha Hispaniola, que foi descoberta pelo navegador genovês Cristóvão Colombo, em 1492. A partir de 1697, tornou-se colônia francesa chegando a ser denominada de “Pérola do Caribe”, por ter sido uma das mais ricas e prósperas colônias da França (ONOFRE, 2007).

Em 1804, obteve a sua independência, tornando-se a primeira república negra do mundo e passando a ostentar o seu atual nome. Entretanto, a França reconheceu a sua independência somente em 1825, exigindo uma indenização que deixou o país endividado levando-o à decadência econômica, seguida de crises sociais e instabilidades políticas, agravadas pelos antagonismos dos países escravocratas do continente (ONOFRE, 2007).

Cabe ressaltar ainda, que, durante sua existência, o país foi submetido à política do “big stick”³, quando foi ocupado pelos EUA entre julho de 1915 e agosto de 1934, e à ditadura conduzida de 1957, quando François Duvalier (*Papa Doc*) foi eleito presidente, até janeiro de 1986, quando o seu filho, Jean-Claude Duvalier (*Baby Doc*), renunciou (BOTELHO, 2008).

Em 1987, o general Henry Namphy outorgou uma nova Constituição. Posteriormente, em razão de golpes e fraudes em eleições, foi estabelecido, em 1990, um governo provisório que solicitou à ONU e à OEA o monitoramento das eleições que aconteceriam em dezembro daquele ano (BOTELHO, 2008). A partir desse ano, a história é permeada por intervenções dos organismos internacionais, principalmente a ONU, que serão sucintamente descritas na próxima seção.

Em relação aos aspectos geográficos, a população do país era aproximadamente de 8.100.000 habitantes (2005), sendo a maioria negra (95%); possui uma área de 27.750 km², tamanho de Alagoas; e as principais cidades são Porto Príncipe (capital), Jacmel,

³ Política do *big stick* (grande porrete) concebida pelo então presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, em 1904, justificava intervenções e ocupações militares em Estados no continente americano, quando houvesse ameaça aos interesses de segurança nacional dos EUA (THEODORE, 2009).

Gonaives e Cap Haitien (BRASIL, 2005).

A distância entre as cidades é relativamente pequena. “Cap Haitien, a mais afastada, dista 255 km da capital, porém como o estado de conservação das estradas é péssimo, leva-se cerca de 8 horas para percorrer essa distância” (informação verbal)⁴. Isso demonstra o quão difícil é o apoio logístico por via terrestre naquele país e como é sobrecarregada a atividade de manutenção de viaturas.

O clima é tropical, porém o país está na rota de furacões e tempestades tropicais que normalmente atingem o Caribe no período de julho a novembro (VASCONCELOS *et al.*, 2004). Em se tratando de vegetação, nota-se que o país foi devastado pelo corte indiscriminado de árvores frutíferas pela população para obtenção de carvão que satisfazem a necessidade dos haitianos, além de servir como fonte de renda (PEREIRA, 2005). Na maioria das vezes, o ressuprimento por terra é inviabilizado, em razão das enchentes, e há um aumento de doenças e epidemias com reflexos na função logística saúde.

Em termos de distância em relação ao território brasileiro, Porto Príncipe (HAITI) dista de Boa Vista (Roraima), cerca de 4h30min de voo de Hércules e 4200 milhas náuticas do Rio de Janeiro, sede da Esquadra brasileira (RULFF, 2004). Esses dados realçam o esforço logístico realizado pelo nosso país para manter as tropas brasileiras operando no Caribe há aproximadamente cinco anos.

2.2 A Missão propriamente dita e suas antecessoras

Entre outubro de 1990 e o início de 2004, a ONU interveio diversas vezes, por solicitação das autoridades haitianas, visando restabelecer a ordem naquela nação. Abaixo, listam-se as missões, em ordem cronológica (BOTELHO, 2008):

- a) ONUVEH⁵ (Grupo de Observadores das Nações Unidas para a Verificação das Eleições no Haiti);
- b) MICIVIH³ (Missão Civil Internacional no Haiti);
- c) UNMIH³ (Missão das Nações Unidas para o Haiti);
- d) UNSMIH³ (Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti);
- e) UNTMIH³ (Missão das Nações Unidas de Transição no Haiti);
- f) MIPONUH³ (Missão de Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti); e

⁴ Dados extraídos de palestra proferida pelo CMG(FN) Carlos Chagas Viana Braga, Chefe do Departamento de Pesquisa e Doutrina do CGCFN, para o C-EMOS 2009, em junho de 2009.

⁵⁵⁵ Original na língua inglesa.

g) MICAH³ (Missão de Apoio Civil Internacional no Haiti) – esta não realizada.

Infelizmente, o esforço da ONU e de seus países contribuintes não surtiu o efeito desejado.

No final de 2003, os principais líderes do país uniram-se e exigiram a renúncia de Jean-Bertrand Aristides, que estava em seu segundo mandato. Entretanto, somente em 29 de fevereiro de 2004, Aristides deixou o Haiti, em direção à África do Sul, em meio a uma série de conflitos na capital (BOTELHO, 2008).

Simultaneamente, atendendo a mais uma solicitação, a ONU envia uma Força Multinacional Interina (MIF)⁶, liderada pelos EUA e formada ainda pelo Canadá, Chile e França, com o principal propósito de evitar o aumento da instabilidade no país.

Em 30 de abril daquele ano, por meio da resolução no. 1542, o Conselho de Segurança da ONU (CSNU) estabeleceu a MINUSTAH visando assegurar ambiente seguro e estável, o respeito aos direitos humanos e o processo político (informação verbal)⁷.

Em 01 de junho de 2004, a MINUSTAH, cujo comando do Componente Militar (Force Commander) ficou a cargo de um Oficial General do Exército Brasileiro (EB), substituiu a MIF e tinha previsão de contar com tropas dos seguintes países contribuintes: Argentina, Benin, Bolívia, Brasil, Canadá, Chade, Chile, Croácia, França, Jordânia, Nepal, Paraguai, Peru, Portugal, Turquia e Uruguai (BRASIL, 2004).

Iniciava assim a operação de mais longa duração em que a MB tenha participado, nos últimos 100 anos (CHAMPLONI, 2008). Os Fuzileiros Navais, em particular, têm colhido muitos ensinamentos no campo doutrinário, na avaliação de seus materiais e no teste de sua capacidade logística. Atualmente, o 11º contingente encontra-se cumprindo, com eficiência e eficácia, suas tarefas e representando com brilhantismo o nosso país e a nossa Marinha.

⁶ Original na língua inglesa.

⁷ Dados extraídos de palestra proferida pelo CMG(FN) Carlos Chagas Viana Braga, Chefe do Departamento de Pesquisa e Doutrina do CGCFN, para o C-EMOS 2009, em junho de 2009.

3 APOIO LOGÍSTICO NAS OPERAÇÕES DE MANUTENÇÃO DE PAZ (OMP)

Para melhor entender como se processa o apoio logístico em uma OMP, é necessário ter noções das particularidades desse apoio em operações desse tipo. Assim sendo, poder-se-ia enumerar algumas diferenças entre uma OMP e uma operação militar de guerra: especificidade do apoio logístico em cada operação; possibilidade de reembolso pela ONU de parte dos gastos com pessoal, material e serviços, o que é feito pela observância de procedimentos específicos descritos em documentos próprios (BRASIL, 2002a); e, necessidade da ONU, em uma OMP, apoiar vários países atuando conjuntamente (BRASIL, 2009).

3.1 Estrutura e Organização do Apoio Logístico

No âmbito da ONU, a Divisão de Administração e Logística de Campanha(FALD)⁸ é a responsável por tratar os assuntos administrativos e logísticos das operações. Dentre as suas tarefas, destaca-se o planejamento e organização das estruturas de apoio logístico, a elaboração de proposta de orçamento global para a Força e das Guidelines⁹ (BRASIL, 2002a).

Segundo LOPES (1999, p. 17) “as *Guidelines* estabelecem que a Força de Paz deve ser dotada de um estoque inicial de suprimentos, de forma a assegurar autonomia logística até que seja estabelecida a cadeia de suprimentos da ONU ou do próprio país”.

Antes do início da operação, durante uma reunião com os representantes militares dos países participantes, são assumidos os encargos de cada contingente e suas necessidades logísticas. Esses dados consolidados contribuirão para a confecção do Plano Básico de Logística da ONU¹⁰ que estabelecerá, em especial, as ligações logísticas entre os países contribuintes e as Nações Unidas (LOPES, 1999).

Na área de operação, o Chefe Administrativo(CAO)¹¹ é o responsável pelo sistema de apoio logístico e estabelece ligação com o país anfitrião. Os principais assuntos se relacionam ao controle de movimentos e rodízios de tropas; alojamento e aluguel de

⁸ Original na língua inglesa

⁹ Guidelines são as diretrizes para uma operação de paz que estabelecem orientações de caráter operativo, administrativo, financeiro e logístico (BRASIL, 2007b, p.24).

¹⁰ Original na língua inglesa

¹¹ Original na língua inglesa

instalações; e emprego de civis locais. No estado-maior da Força, o Chefe Logístico(CLO)¹² tem a responsabilidade de planejar, dirigir e implementar o apoio logístico à Força e aos contingentes. Dentre suas tarefas, cabe ressaltar o estabelecimento, organização e funcionamento da instalação logística principal no país anfitrião. Essa instalação constitui-se de elementos capazes de desempenhar as diversas funções logísticas (BRASIL, 2002a).

Em termos de organização logística nacional, o apoio inicia no preparo do primeiro contingente e perdura até a desmobilização das tropas. Para isso, de acordo com Leal (informação verbal)¹³, o Centro de Coordenação Logística(CCL)¹⁴, ativado em maio de 2004 e contando com representantes das três Forças, tem cumprido eficientemente suas atribuições permitindo uma melhor integração dos esforços das Forças no apoio aos contingentes brasileiros. Por essa razão, sugere-se a ativação dessa estrutura, desde a fase de planejamento de uma OMP.

3.2 O Apoio Logístico no GptOpFuzNav

Os GptOpFuzNav constituídos pelos Componentes de Comando(CteC), Componente de Combate Terrestre (CCT), Componente de Apoio de Serviços ao Combate (CASC) e Componente de Combate Aéreo (CteCA) podem ser empregados em quaisquer cenários, cabendo ao CASC prover o devido apoio logístico ao grupamento (BRASIL, 2008a). Além disso, o vulto desse componente pode ser ajustado em função dos diversos tipos de meios empregados, do dispositivo da tropa no terreno e do grau de descentralização, o que confere aos GptOpFuzNav aptidão para emprego em operações de paz (BRASIL, 2009).

No manual CGCFN-1-8 são discriminadas as principais tarefas do CASC, em uma OMP:

- a)armazenar e distribuir níveis de suprimentos adequados a auto-suficiência;
- b)executar a manutenção preventiva e corretiva dos meios do GptOpFuzNav; e
- c)prestar apoio de saúde, de serviços de construção, reparação de instalações, cozinha, lavanderia, banho e desinfecção (BRASIL, 2009, p.10-8).

¹² Original na língua inglesa.

¹³ Dados extraídos de palestra proferida pelo CF(FN) Samuel Nogueira Leal, Adjunto da Seção de Doutrina da Subchefia de Logística do Ministério da Defesa, para o C-EMOS 2009, em junho de 2009.

¹⁴ O Centro de Coordenação Logística é uma estrutura combinada, de caráter eventual ou permanente, situada em território nacional e subordinada ao MD, que tem por atribuição servir de ligação e coordenação entre o Contingente da ForPaz e os órgãos de apoio logístico das Forças Armadas, por meio da ampla utilização das ferramentas de Tecnologia da Informação (TI), para atender as carências e/ou necessidades logísticas da OpPaz (BRASIL, 2002a, p. 10-7).

4 GPTOPFUZNAV HAITI: PRINCIPAIS ERROS E ACERTOS LOGÍSTICOS

Uma OMP que já dura mais de cinco anos, como a que o Brasil participa no Haiti, certamente apresenta uma série de aprendizados. Na área da logística, que, segundo Jomini, é “a ciência dos detalhes dentro dos Estados-Maiores” (BRASIL, 2003, p. 1-2), não é diferente.

Nesta seção, serão apresentados os principais erros e acertos logísticos cometidos pelo GptOpFuzNav Haiti, além de sugestões que se mostrarem oportunas.

A abordagem adotada será por funções logísticas, definidas pelo Manual de Logística da Marinha (EMA - 400) como sendo “a reunião, sob uma única designação, de um conjunto de atividades logísticas afins, correlatas ou de mesma natureza” (BRASIL, 2003, p. 2-1), e classificadas como: Recursos Humanos, Suprimento, Saúde, Manutenção, Engenharia, Transporte e Salvamento (BRASIL, 2003, p. 2-2).

4.1 Recursos Humanos

A Doutrina de Logística Militar (MD 42-M-02) define a função Recursos Humanos como “o conjunto de atividades relacionadas com o gerenciamento do pessoal” (BRASIL, 2002b, p.21). Dentre essas atividades, destacam-se, em operações de paz, as atividades de preparação; e bem-estar e manutenção do moral (BRASIL, 2002b).

Para discorrer sobre essa função, deve-se inicialmente destacar que, em março de 2004, no âmbito da MB, a Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE) realizava a Operação ALBATROZ (exercício) cuja situação hipotética previa o emprego de um GptOpFuzNav, tipo Unidade Anfíbia¹⁵ (UANf), com as tarefas de ocupar e manter o Aeroporto Internacional de Porto Príncipe, a partir de 25 de março de 2004, até a chegada dos demais contingentes; manter a segurança nas demais áreas sensíveis daquela capital; e apoiar operações de ajuda humanitária. Logo após a conclusão desse exercício, ocorreu a ativação do GptOpFuzNav Haiti (COSTA, 2004a). O fato dos planejadores já estarem trabalhando sobre a situação do Haiti facilitou os preparativos para a OMP que iniciaria poucos meses depois.

Ademais, nesses momentos iniciais, aventou-se a hipótese de ser constituída uma Brigada composta por um Batalhão do EB e um GptOpFuzNav, tipo UANf, integrado por 230 FN e até duas companhias de países amigos (COSTA, 2004a). O fato do GptOpFuzNav ter que incorporar tropas estrangeiras traria efeitos complicadores aos planejadores.

¹⁵ UANf é um tipo de GptOpFuzNav com pelo menos um dos componentes com valor de unidade (BRASIL, 2008a, p.4-5).

Em relação à atividade de preparação dos FN brasileiros, essa foi facilitada pelo fato da maioria dos militares do CCT ter sido oriunda do 3º Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais, núcleo da Força de Emprego Rápido (FER)¹⁶ da FFE, e as do CASC, ser do Batalhão Logístico de Fuzileiros Navais, tendo acabado de participar da Operação ALBATROZ (COSTA, 2004a). Para a seleção de pessoal, foram estabelecidos alguns requisitos, destacando o caráter de voluntariado como fator fundamental para a diminuição de problemas durante a missão.

Em paralelo, outras providências administrativas foram adotadas, tais como: inspeção de saúde, vacinação, censo odontológico, retirada de passaporte, entrevista do militar e esposa com a assistente social e abertura de conta bancária na agência do Banco do Brasil (BB) em Nova Iorque (COSTA, 2004b).

De um modo geral, essas medidas se mostraram necessárias e satisfatórias, contudo o preenchimento da documentação para abertura de conta corrente no exterior e a divulgação, já durante a missão, da impossibilidade de se receber o salário em dólar naquele banco, gerou um grande problema para o comando do GptOpFuzNav e, especialmente, para os militares. A solução encontrada pela Pagadoria de Pessoal da Marinha (PAPEM) foi depositar o valor total referente ao pagamento mensal de todos os integrantes do GptOpFuzNav em uma conta aberta no banco francês Sogebank, em Porto Príncipe, em nome do oficial de logística do GptOpFuzNav. Esse gestor, por sua vez, transferiria o valor para as contas dos militares abertas no mesmo banco, situado em um país com a situação política-econômica instável. Ademais, periodicamente, comboios tinham que ser organizados para que os FN pudessem sacar seus valores e guardá-los em seus armários na base (CASTRO, 2005). Na visão do autor, nota-se um retrocesso em relação à UNAVEM III, onde a tropa de FN não tinha essa preocupação pelo fato de terem sido abertas as contas na agência do BB nos Estados Unidos. Sugere-se que a PAPEM, em situações semelhantes, estabeleça algum convênio ou acordo com o BB visando eliminar esse óbice.

No que tange à quantidade de motoristas de viaturas (Vtr.), sugere-se, na medida do possível, levar para a missão cerca de trinta por cento de motoristas reservas para revezar com os titulares, que normalmente são sobrecarregados e ficam sujeitos a se envolverem em acidentes, com todas as consequências negativas advindas. O primeiro contingente contou

¹⁶ A FER é a parcela dos meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais, subordinados ao Comando de Operações Navais, aprestados para realizarem as diversas operações e ações de guerra naval, a fim de possibilitar uma pronta reação da Marinha do Brasil no cumprimento das quatro tarefas básicas do poder naval: controlar áreas marítimas, negar o uso do mar ao inimigo, projetar poder sobre terra e contribuir para a dissuasão (BRASIL, 2007a, p. 111).

com o reforço eventual de 11 militares que operariam as viaturas blindadas M-113, excluídas da missão alguns dias antes da partida dos navios (COSTA, 2004a).

É digno de nota ainda a preocupação do comando do GptOpFuzNav Haiti com o conforto de sua tropa, adquirindo diversos meios, como materiais de recreação, contêineres, equipamentos de cozinha, padaria, além de contratar serviços, como a internet (COSTA, 2004b). O autor acredita que essa preocupação aliada à adoção do método de confecção de planilha do tipo *bottom-up*¹⁷, que se mostrou superior ao *top-down*¹⁸, adotado pelo EB (COSTA, 2004a), refletiram positivamente no desempenho da tropa.

Os períodos de licença (15 dias de folga, a cada dois meses) e “arejamento” (60 horas/mês) a serem gozados, a partir do 2º contingente, em Miami ou na República Dominicana, foram muito importantes para aumentar o moral e diminuir o estresse (CASTRO, 2005). Sugere-se que o comando do GptOpFuzNav, quando necessário, interceda junto à ONU, via cadeia de comando, para a manutenção dessas licenças e “arejamentos”.

Em relação às medidas para elevar o moral da tropa, cabe destacar que, em dezembro de 2004, com a chegada do segundo contingente, foi instalada, na área de estacionamento, uma antena parabólica e um decodificador que permitiram a recepção dos canais de televisão das redes GLOBO e BANDEIRANTES (CASTRO, 2005), contribuindo assim para que, desde então, os soldados da paz acompanhassem as notícias de seu país. Sugere-se que medidas desse tipo sejam adotadas desde o primeiro contingente.

4.2 Suprimentos

O manual EMA-400 conceitua a função Suprimento como sendo “o conjunto de atividades que trata da previsão e provisão do material, de todas as classes, necessário às organizações e forças apoiadas” (BRASIL, 2003, p. 4-1). Por sua vez, o manual MD 42-M-02 estabelece dez classes de suprimentos, conforme abaixo:

- a) Classe I – Material de Subsistência.
- b) Classe II – Material de Intendência.
- c) Classe III – Combustíveis e Lubrificantes.
- d) Classe IV – Material de Construção.

¹⁷ Os meios necessários são levantados pelos escalões mais baixos e consolidados nos escalões superiores (COSTA, 2004a, p.13).

¹⁸ Método oposto ao *bottom up* (COSTA, 2004a, p.13).

- e) Classe V – Armamento e Munição.
- f) Classe VI – Material de Engenharia e de Cartografia.
- g) Classe VII – Material de Comunicações, Eletrônica e de Informática.
- h) Classe VIII – Material de Saúde.
- i) Classe IX – Material Naval, de Motomecanização e de Aviação.
- j) Classe X – Materiais não incluídos nas demais classes (BRASIL, 2002b, p.25).

Conforme já mencionado, os fuzileiros navais, tanto em Angola como no Haiti, demonstraram um alto grau de prontificação por terem adotado o sistema *bottom-up* no levantamento de suas necessidades de material e recursos financeiros (COSTA, 2004a). Foram elaboradas pelo CASC dezenas de planilhas, baseadas nas classes acima, que foram consolidadas no comando do GptOpFuzNav.

Na visão do autor, esse método de planejamento, apesar de sobrecarregar os integrantes daquele componente, permite que os mesmos façam um trabalho mais consciente, em razão de que qualquer erro cometido nessa fase refletirá na própria vida do combatente já na área de operação. Sugere-se manter com empenho essa sistemática que tem se provada de sucesso.

A maior parte do material existente na MB foi disponibilizado para o GptOpFuzNav Haiti por meio da emissão de Requisições de Material de Consumo (RMC) no Sistema de Informações Gerenciais de Abastecimento (SINGRA). Contudo, como o BtlLogFuzNav, OM solicitante, não tinha dotação para alguns itens, nem recursos na Fonte de Recursos Escriturais 189 (FR-189) alocados para tal, surgiram problemas na obtenção que foram resolvidos, na época, pela emissão de mensagens (ELKFURY, 2004). Na visão do autor, o BtlLogFuzNav, núcleo do CASC, deve ter, quando do acionamento de tropas para OMP, dotação e FR-189 suficientes para permitir o emprego do SINGRA adequadamente.

Em relação à aquisição de material não existente na MB, coube à Base de Fuzileiros Navais do Rio Meriti (BFNRM) obter materiais e equipamentos de menor valor. Já o Comando de Material de Fuzileiros Navais (CMatFN) ficou encarregado de comprar os equipamentos de maior valor, como contêineres, padaria, geradores, bem como sobressalentes de viaturas, armamentos e equipamentos eletrônicos. O intervalo de tempo entre a liberação de recursos e a compra de material foi muito pequeno, o que foi atenuado pela dispensa do processo licitatório e a existência, no CMatFN, de cadastro de fornecedores e prestadores de serviços (ELKFURY, 2004). Então, fica a sugestão de se manter esse procedimento.

Já o controle do material feito pelo CASC, desde a fase do embarque, especialmente no rodízio dos contingentes, tem mostrado ser de grande valia, pois facilitará a

destinação do material, principalmente, o de caráter permanente, após a desativação do GptOpFuzNav Haiti. Sugere-se que seja mantido esse controle, bem como a conscientização da tropa participante de OMP para esse aspecto.

As rações operacionais R-2 fornecidas pelo Depósito de Subsistência da Marinha do Rio de Janeiro (DepSubMRJ) e a água mineral entregue por empresa civil foram apresentadas ao CASC sem estarem devidamente paletizadas e impermeabilizadas, o que acarretou transtornos e atrasos no embarque do material (COSTA, 2004b). Sugere-se que o DepSubMRJ entregue as rações prontas para o embarque em meios navais e que o setor de obtenção exija do fornecedor de água mineral que o faça da mesma forma.

Em relação aos armamentos e munições conduzidos para a operação, de modo geral, não apresentaram maiores problemas. Contudo, a não-dotação e o não-envio de armas não-letais (ANL)¹⁹ para área de operações pode gerar consequências negativas, principalmente quando da atuação da tropa em controle de distúrbios civis. A história das OMP mostra que, em pelo menos três ocasiões, na Somália (1994), Haiti (1994) e Bósnia (1996), as tropas sentiram a necessidade desse tipo de armamento (CHAIB, 2004). O autor sugere que a tropa a ser empregada em missões dessa natureza possa levar para área de operações, desde o princípio, ANL, como opção ao armamento convencional, a ser usada, a critério dos comandantes dos GptOpFuzNav.

Em se tratando da Equipagem Individual Básica para o Combate (EIBC), os cantis e suspensórios se mostraram inadequados quando empregados juntos com o colete à prova de impactos. Já no segundo contingente, os cantis foram substituídos por cantis costais, tipo *CAMEL BACK*, e os porta-carregadores passaram a ficar fixados nos próprios coletes, dispensando o uso do suspensório (COSTA, 2004b).

Além disso, desde os primeiros dias de operação, o CASC proveu também apoio de borracharia para o EB e diversos contingentes, em razão de ter planejado e efetivamente levado para a área de operação uma máquina apropriada para reparos de pneus (COSTA, 2004a). Sugere-se que o planejamento continue sendo feito de forma detalhada, já que, no país anfitrião, dificilmente conseguir-se-á apoios desse tipo.

A aquisição de contêineres (escritório, sanitário, paiol e frigorífico), nos mesmos moldes que os FN adotaram na UNAVEM III, diferente da locação adotada pelo EB, também se mostraram uma decisão acertada e contribuíram para o atingimento do alto grau de

¹⁹ ANL são os sistemas de armas e munições especificamente projetados para emprego primário na incapacitação de pessoas, tendo como objetivo não causar fatalidades ou lesões permanentes, e neutralizar materiais sem causar danos ao patrimônio e ao meio ambiente (CHAIB, 2004, p.106).

eficiência pela tropa no Caribe. Esses equipamentos permitiram o pré-carregamento de material em seu interior, possibilitaram a conservação desse material, bem como, propiciaram o aumento do conforto da tropa (COSTA, 2004b). Na visão do autor, sugere-se a aquisição desses contêineres, quando necessários, em razão de suas características e possibilidades.

4.3 Saúde

O manual EMA-400 conceitua a função Saúde como sendo “o conjunto de atividades relacionadas com a conservação do pessoal, nas condições de aptidão física e psíquica, por intermédio de medidas sanitárias de prevenção e recuperação” (BRASIL, 2003, p. 4-10). As principais atividades nessa função são levantamento de necessidades, seleção médica, medicina preventiva e medicina curativa (BRASIL, 2003).

O levantamento inicial dessas necessidades foi feito pelo próprio pessoal de saúde do GptOpFuzNav Haiti, tendo o CMatFN adquirido parte de medicamentos e equipamentos de saúde não disponíveis na MB (ELKFURY, 2004). Em relação à seleção médica, os controles periódicos de saúde existentes em tempo de paz facilitaram a identificação da condição de saúde dos militares. Aqueles que estavam com seus controles trienais a vencer tiveram prioridade nos exames de saúde e todos foram submetidos ao teste de HIV.

No tocante à medicina preventiva, que visa reduzir o número de evacuações e hospitalizações (BRASIL, 2003), a tropa é vacinada antes de seguir para a área de operações; é avaliada em um censo odontológico; recebe medicamentos profiláticos como a MEFLOQUINA (contra malária); é orientada sobre a importância das medidas de higiene a serem adotadas, particularmente no Haiti, onde as condições sanitárias são péssimas (CASTRO, 2005); e alertada para a necessidade de se prevenir acidentes. O autor sugere manter essas medidas preventivas que se mostraram eficazes.

Além disso, na área de aquartelamento, fossas sépticas são abertas, para receber o esgoto oriundo do rancho e dos contêineres sanitários, e esvaziadas, diariamente, por empresa terceirizada pela ONU; o fumacê é usado para matar mosquitos vetores de muitas doenças; e venenos para ratos são colocados próximos ao paiol de gêneros para evitar a atuação desse roedores (CASTRO, 2005). Cabe ressaltar que a dependência de empresas contratadas pela ONU para o esvaziamento de fossas sépticas e recolhimento de lixo é um ponto sensível do apoio logístico. O autor ilustra com um fato ocorrido em outubro de 2004, quando forças adversas haitianas ameaçaram matar os funcionários dessas empresas, se os mesmos continuassem a prestar serviços para a ONU, em razão das baixas que as tropas de paz

estavam impondo às quadrilhas. O GptOpFuzNav Haiti conseguiu superar essa adversidade empregando a sua reserva de rações de combate e otimizando o emprego dos sanitários. O autor sugere que as tropas sempre contem com reserva de rações e tenham um plano alternativo para fazer face às situações adversas.

Em relação à imunização, a maioria dos militares do primeiro contingente, que teve menos tempo para se preparar (cerca de 60 dias), foi submetida a até sete tipos de vacinas diferentes em um único dia. Na opinião do autor, sugere-se que haja um intervalo entre as aplicações das vacinas, até mesmo para evitar reações adversas nos militares.

Para fins de comparação, na OMP em Angola, a MB mobiliou um Posto de Saúde Avançado (PSA) a fim de prover apoio de saúde secundário a UNAVEM III. Além disso, a CiaFuzNav brasileira componente do Batalhão Angola também contava com um oficial médico e 4 enfermeiros para atender suas necessidades de saúde primárias (SILVA, 2008).

Na preparação do primeiro contingente do Haiti, o GptOpFuzNav Haiti possuía uma Unidade Médica Nível Um (UMNU)²⁰ no CCT e outra no CASC. Além disso, às vésperas do embarque, apresentaram-se outros dois médicos, mais antigos que o Comandante do CASC, e três praças EF pertencentes à OM extra-CFN, que foram incorporadas ao CASC. Os Oficiais Médicos foram integrados ao CteC. A designação de oficiais médicos mais antigos que o comandante do CASC gerou transtornos em virtude da dupla subordinação das praças EF (administrativamente, ao Comando do CASC e tecnicamente aos médicos do CteC) (COSTA, 2004b). Na visão do autor, o pessoal de saúde, inclusive médicos, deve ficar subordinado ao Comando do CASC, sendo disponibilizado para participar de ações junto ao CCT, mediante acordo entre os comandantes desses componentes.

Outro fato que merece atenção é que, com o passar do tempo, há uma tendência de os militares relaxarem as medidas de segurança, seja por cansaço, estresse ou até mesmo por excesso de auto-confiança. Por essas razões, aumentam o número de acidentes de trânsito ou com armas de fogo. Dessa forma, o autor sugere que haja uma permanente conscientização dos militares no que diz respeito às normas de segurança.

A medicina curativa que tem como importância devolver o FN as suas funções, no menor tempo (BRASIL, 2003), é ratificada no GptOpFuzNav Haiti pelo alto número de atendimentos não apenas de seus elementos, mas também de outros contingentes, chegando até mesmo, no início da missão, a prover tratamento a funcionários civis da ONU. Sugere-se

²⁰ A UMNU é o primeiro nível onde existe um médico disponível. Constitui a primeira linha de apoio de saúde, ressuscitação de emergência, suporte avançado à vida e evacuação de baixas para o nível acima, nível dois (BRASIL, 2007b, p. 45/90).

manter a estrutura utilizada em missões dessa natureza.

4.4 Manutenção

Essa função logística é descrita no MD 42-M-02 como “o conjunto de atividades que são executadas visando a manter o material na melhor condição para emprego e, quando houver avarias, reconduzi-lo àquela condição” (BRASIL, 2002b, p.27). Levantamento das necessidades, manutenção preventiva, manutenção modificadora e manutenção corretiva são as atividades relacionadas à essa função logística (BRASIL, 2003).

Cabe ressaltar que, na operação no Haiti, o Brasil optou por arcar com a manutenção de seus meios para posterior reembolso pela ONU (modalidade Wet Leasing)²¹, o que constitui uma oportunidade ímpar do país testar sua capacidade de manter forças operando distantes de seu território (BRASIL, 2009).

O levantamento de necessidades tem como propósito verificar as carências de instalações, pessoal e material para prover o apoio (BRASIL, 2003). Em se tratando de pessoal, foi organizado um destacamento de manutenção com equipes especializadas em viaturas (UNIMOG e Toyota), armamentos e equipamentos eletrônicos.

No que diz respeito aos sobressalentes, merece destaque a eficaz coordenação que foi estabelecida, desde o início do planejamento, entre o CMatFN, o BtlLogFuzNav e o Centro de Reparos e Suprimentos Especiais do CFN (CRepSupEspCFN), que propiciou a determinação dos sobressalentes e ferramental necessários para o emprego na operação (ELKFURY, 2004).

A aquisição de sobressalentes ficou a cargo do CMatFN, após verificação da inexistência do item no CRepSupEspCFN (OMPS-I)²², unidade que mostrou a sua eficácia ao pintar de branco e revisar, em apenas seis dias, 44 viaturas operativas. Ainda na fase do planejamento, foi aventada a hipótese de se prover a manutenção de 3º escalão, por meio de Equipes Móveis de Manutenção do CRepSupEspCFN, a bordo de navios, o que foi posteriormente realizado (ELKFURY, 2004). A manutenção realizada por essas equipes tem se mostrado de grande valia pelo fato da duração da missão e o desgaste esperado dos meios. Sugere-se adotar essa alternativa em OMP, conforme a necessidade.

Em termos de manutenção preventiva, a escolha das Vtr., modelo UNIMOG, se

²¹ Wet Leasing é a opção pela qual o país contribuinte fornece os equipamentos, seus sobressalentes e se responsabiliza pela manutenção, tendo, por isso, maior reembolso (BRASIL, 2009, p. 10-3).

²² OMPS-I é a abreviatura de Organização Militar Prestadora de Serviços Industriais (BRASIL, 2001, p. 11-7).

mostrou acertada, por serem novas e estarem na garantia, o que permitiu, principalmente, que mecânicos do grupamento acompanhassem, durante a preparação, a revisão desses meios na concessionária autorizada, além de assessoria da própria Mercedes Benz na determinação dos sobressalentes a serem conduzidos para o Haiti. A indisponibilidade de viaturas LAND ROVER, em 2004, em quantidade suficiente para a missão, fez com que se decidisse pelo emprego de viaturas, marca Toyota (ELKFURY, 2004) que, se por um lado não eram tão novas, por outro lado apresentavam como vantagem o fato dos mecânicos conhecerem muito bem o seu funcionamento.

Em seu Relatório de Fim de Comissão, COSTA (2004b, p.5) afirma que a disponibilidade de Vtr. foi de aproximadamente 98%, embora o sistema de apoio logístico tenha, por vezes, demorado a enviar alguns equipamentos como graxeira, máquina de lavar WAP, compressor de ar e sobressalentes do tipo lona de freio e comando de seta. Na visão do autor, deve ser agilizado o envio de equipamentos e sobressalentes para a área de operação a fim de não comprometer a operacionalidade do GptOpFuzNav.

Em termos de manutenção modificadora, foi necessário mudar a posição dos bancos laterais dos UNIMOG, que obrigavam a tropa a ficar de costas para a rua, para uma posição central onde o militar tivesse melhores condições de observar e fazer o disparo, quando necessário. Outro aspecto foi a pouca iluminação na área de operações que obrigou a colocação de holofotes sobre a cabine dos caminhões para permitir uma melhor observação da zona de atuação, em períodos noturnos (COSTA, 2004a). Sugere-se manter essa capacidade logística de modificação dos meios para atender as necessidades apresentadas.

A manutenção corretiva das Vtr. tem se mostrado necessária no Haiti em virtude das péssimas condições das estradas, cabendo ressaltar que a ausência de Vtr. Socorro no primeiro contingente dificultou sobremaneira o trabalho de socorro externo de viaturas. O não-embarque dessa viatura nos meios navais, logo no início da operação, se deu por falta de espaço a bordo. O autor sugere que se embarque, tão logo possível, esse tipo de Vtr. para aumentar a possibilidade do destacamento de manutenção de Vtr. em OMP.

4.5 Engenharia

O manual EMA-400 conceitua a função Engenharia como sendo “o conjunto de atividades que são executadas, visando ao planejamento e à execução de obras e de serviços com o objetivo de obter e adequar a infra-estrutura física e as instalações existentes às necessidades das forças e demais OM da MB” (BRASIL, 2003, p. 4-16). No Haiti, foi

destinado inicialmente ao GptOpFuzNav uma área composta por dois galpões e um antigo paiol de munição, no aeroporto de Porto Príncipe (COSTA, 2004a).

Reforma, adequação, reparação, desobstrução e montagem foram as atividades de engenharia (BRASIL, 2003) de grande relevância na contínua preparação e melhoria que os fuzileiros navais executaram na Base de Fuzileiros Navais no Haiti Acadêmica Rachel de Queiroz (BFNHARQ).

De qualquer forma, um problema identificado na montagem da base foi a falta de empilhadeira para posicionar os contêineres em local apropriado. Por isso, houve a necessidade de se alugar esse equipamento, empregando recursos de Suprimentos de Fundos (COSTA, 2004b). Cabe ressaltar que durante o planejamento foi visualizada a necessidade desse meio, mas o GptOpFuzNav não pôde levá-lo para o Haiti, por falta de espaço nos meios navais da MB. O EB foi acionado para sanar esse óbice, porém também não possuía uma empilhadeira, na área de operação, com capacidade de suportar os contêineres de 20 pés. O autor considera fundamental que, principalmente, o primeiro contingente dos FN transporte esse equipamento para a área de operação, pois nem sempre haverá no país anfitrião empilhadeira de tal porte para locação.

Da mesma forma, a falta de retro-escavadeira, pelas razões acima expostas, dificultou a construção de fossas sanitárias, o que obrigou a locação desse equipamento no mercado local. Nesse sentido, parece viável para o autor a mesma sugestão apresentada em relação à empilhadeira.

Em relação ao equipamento de purificação e tratamento d água, o Brasil informou à ONU, por meio do Memorando de Entendimento (MOU) que tinha a capacidade de tratar e purificar sua água para consumo. Mesmo assim, até o ano de 2005, a ONU forneceu água mineral em garrafas, cerca de 4,5 litros/homem. Com a interrupção dessa atividade e problemas no equipamento do GptOpFuzNav Haiti, este passou a ser apoiado pelos equipamentos de osmose reversa do EB e do destacamento do Chile (CASTRO, 2005). O autor sugere que se leve esse equipamento para a missão, já no início das atividades, visando produzir água potável em quantidade suficiente, evitando assim a dependência da ONU e de outros contingentes.

Cabe ressaltar ainda que o primeiro contingente levou para a missão quantidade considerável de material de construção, elétrico e hidráulico, o que mostrou-se de grande valia e permitiu a reforma e reparação das instalações usadas pela tropa. Deve se considerar que a aquisição desse material, se feita no mercado local, seria a altos custos. Portanto, sugere-se que a tropa leve esse material a bordo de navios da MB, já nas primeiras viagens de

apoio logístico, a fim de se economizar recursos financeiros.

No tocante aos três geradores elétricos de 340 KVA em contêineres e dois de 40 KVA em reboques existentes na área de estacionamento, os mesmos permitem o pleno funcionamento de todos os equipamentos elétricos, além de proporcionar conforto à tropa (CASTRO, 2005). Sugere-se manter o planejamento de aquisição desses meios com o respectivo pacote de sobressalentes a fim de se ter autonomia em relação à energia elétrica.

4.6 Transporte

O manual MD-42-M-02 define a função Transporte como: “o conjunto de atividades que são executadas visando ao deslocamento de recursos humanos, materiais e animais, por diversos meios, em tempo e para os locais predeterminados, a fim de atender as necessidades” (BRASIL, 2002b, p. 31). Adicionalmente, em uma OMP, o transporte de tropas e de material deve ser avaliado entre o Brasil e a área da missão, bem como, no interior do país anfitrião, durante a operação (BRASIL, 2009).

No transporte das viaturas e do material para o Haiti, além de parte do contingente brasileiro da Força de Paz, a MB constituiu um Grupo-Tarefa (GT) composto por quatro navios e estabeleceu um apoio logístico móvel para esses meios, o que se mostrou eficaz haja vista os resultados positivos obtidos. A Força Aérea Brasileira (FAB) também contribuiu com o esforço logístico transportando o restante do pessoal e material (RULFF, 2004).

O GptOpFuzNav Haiti, por sua vez, selecionou os motoristas e viaturas, levando-se em conta a disponibilidade de meios da força anfíbia. Contudo, a falta de espaço nos meios navais inviabilizou o embarque de viaturas do tipo Socorro e MUNCK, esta útil para embarque/desembarque de material, indiretamente dificultou o trabalho de montagem da área de estacionamento (COSTA, 2004b). Portanto, o autor sugere que esses meios sejam conduzidos para a área de operação, logo no início da missão, para contribuir com o GptOpFuzNav na montagem de sua base de operações.

Em relação aos meios blindados, o CFN dotava, à época da ativação do GptOpFuzNav Haiti, apenas viaturas blindadas sobre lagarta (SL), porém as mesmas eram inadequadas para emprego no Haiti em razão de poderem danificar a precária malha viária daquele país. Por esse motivo, nos primeiros anos de missão, a tropa anfíbia dependeu do EB para apoiá-la com as suas viaturas blindadas sobre rodas (SR), modelo URUTU, o que nem sempre ocorreu.

Para sanar esse óbice, o CGCFN envidou esforços no sentido de adquirir Viaturas

Blindadas Especiais Sobre Rodas, tração 8X8, PIRANHA III C (VtrBldEsp SR 8X8 PIRANHA III C) com o fim de equipar, em um primeiro momento, o GptOpFuzNav Haiti. Cabe ressaltar que a indústria nacional não tinha, à época, como comercializar viaturas blindadas sobre rodas com sistema de tração 8x8 (DIAS e FILHO, 2009).

Já no início de 2008, cinco Viaturas desse modelo, sendo quatro para o Transporte de Pessoal (TP) e uma Socorro (SOC), tiveram seu “batismo de fogo” em Porto Príncipe, durante uma violenta manifestação popular. A presença desses novos meios causou impacto dissuasório nos elementos adversos e proveu maior segurança para nossas forças (DIAS e FILHO, 2009). O autor sugere o emprego desses meios em OMP em razão de suas características que são adequadas ao tipo de operação.

4.7 Salvamento

O manual EMA-400 conceitua a função Salvamento como “o conjunto de atividades que são executadas visando à salvaguarda e ao resgate de recursos materiais, suas cargas ou itens específicos” (BRASIL, 2003, p. 4-8). Das diversas atividades que envolvem essa função, o combate a incêndios e o reboque de viaturas danificadas (BRASIL, 2009) são as que, até o momento, tiveram maior destaque na operação.

Em relação ao combate a incêndios, o grupo de reconhecimento que antecedeu a missão já tinha informado, no início de 2004, que o Corpo de Bombeiros no Haiti era uma instituição deficiente (VASCONCELOS *et al*, 2004), o que aumentou a necessidade do GptOpFuzNav Haiti ser autônomo nesse sentido, adquirindo o material necessário e adestrando o seu pessoal. Em que pese não ter ocorrido nenhum sinistro com a tropa de fuzileiros navais brasileira, os soldados tiveram que auxiliar os bombeiros haitianos, em 30 de maio de 2008, quando um dos principais mercados ao ar livre de Porto Príncipe, o *Mar-che du Fer*, incendiou-se (BRASIL, 2008b). Sugere-se continuar dotando o GptOpFuzNav, em OMP, de material e pessoal necessários para realizar essa atividade.

No que diz respeito ao reboque de viaturas danificadas, o primeiro contingente sentiu a falta de Vtr. Socorro no desempenho de tarefas associadas à função salvamento, pelos motivos já expostos. A incorporação desse meio ao GptOpFuzNav HAITI, no ano de 2005, contribuiu para a remoção de material e o reboque de viaturas, durante as ações na capital (CASTRO, 2005). O autor sugere que essa viatura seja transportada para a área de operação, o mais breve possível.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, pode-se concluir que o desenvolvimento de uma OMP em um país, com o passado histórico e as características do Haiti, onde, desde 1990, forças estrangeiras atuam, sob a égide da ONU, não é uma tarefa simples. No campo logístico, a estrutura adotada pela ONU, que tem como tarefa apoiar os inúmeros contingentes, tem transformado a própria MINUSTAH em um grande laboratório para o GptOpFuzNav Haiti.

Analisando cada função logística, pôde-se colher valiosos ensinamentos. Iniciando pela função Recursos Humanos, sugere-se que: a PAPEM, em situações semelhantes, estabeleça algum convênio ou acordo com o BB para abertura de conta bancária em Nova Iorque, onde seriam depositados os soldos dos fuzileiros navais; na medida do possível, leve-se para a missão trinta por cento de motoristas reservas para revezar com os titulares; o comando do GptOpFuzNav, quando necessário, interceda junto à ONU, via cadeia de comando, para a manutenção de licenças e arejamentos; e que, desde o primeiro contingente, instale-se na base uma antena parabólica e um decodificador que permitiram a recepção dos canais de televisão de redes nacionais (GLOBO e BANDEIRANTES), aumentando o moral da tropa.

No tocante à função Suprimentos, sugere-se manter com empenho o sistema *bottom-up* no levantamento de suas necessidades de material e recursos financeiros; que o BtlLogFuzNav, núcleo do CASC, tenha dotação e FR-189 suficientes para permitir o emprego do SINGRA adequadamente; que a Base de Fuzileiros Navais do Rio Meriti (BFNRM) obtenha materiais e equipamentos de menor valor e o Comando de Material de Fuzileiros Navais (CMatFN) fique encarregado de comprar os equipamentos de maior valor; que seja mantido controle de material, bem como a conscientização da tropa nesse sentido; que o DepSubMRJ entregue as rações prontas para o embarque em meios navais e que o setor de obtenção exija do fornecedor de água mineral que o faça da mesma forma; que se leve para área de operações, desde o princípio, ANL, como opção ao armamento convencional, a ser usada, a critério dos comandantes dos GptOpFuzNav; que o planejamento continue sendo feito de forma detalhada, já que, no país anfitrião, a obtenção de suprimentos nem sempre é possível; e que sejam adquiridos contêineres (escritório, sanitário, paiol e frigorífico), quando necessários, em razão de suas características e possibilidades.

Já no que diz respeito à função Saúde, o autor sugere manter as medidas preventivas de saúde; que as tropas contem com reserva de rações e tenham um plano alternativo para fazer face às situações inopinadas; que haja um intervalo entre as aplicações

das vacinas, até mesmo para evitar reações adversas nos militares; que o pessoal de saúde, inclusive médicos, fique subordinado ao Comando do CASC, sendo disponibilizado para participar de ações junto ao CCT, mediante acordo entre os comandantes desses componentes; que haja uma permanente conscientização dos militares no que diz respeito às normas de segurança; e que se mantenha a estrutura de saúde utilizada em missões de paz.

Em relação à função Manutenção, sugere-se que a de 3º escalão, quando necessária, seja feita por meio de Equipes Móveis de Manutenção do CRepSupEspCFN, a bordo de navios; que seja agilizado o envio de equipamentos e sobressalentes para a área de operação a fim de não comprometer a operacionalidade do GptOpFuzNav; que se mantenha a capacidade logística de modificação dos meios para atender as necessidades; que se embarque, tão logo possível, a Vtr. Socorro para aumentar a possibilidade de manutenção de viaturas empregadas em OMP.

No tocante à função Engenharia, sugere-se que o primeiro contingente dos FN transporte equipamentos específicos de engenharia, tais como empilhadeira, retro-escavadeira, equipamentos de osmose reversa e geradores elétricos potentes, além de considerável material de construção, elétrico e hidráulico.

No que diz respeito à função Transporte, sugere-se o embarque de Vtr. Socorro e MUNCK, logo no início da missão, para contribuir com o GptOpFuzNav na montagem de sua base de operações, bem como o emprego de viaturas blindadas sobre rodas, desde o primeiro contingente, em razão de suas peculiaridades.

Em relação à função Salvamento, sugere-se que dotem o GptOpFuzNav, em OMP, de material e pessoal necessários para combate a incêndio; e o embarque de Vtr. Socorro, logo no início da operação, para atender a essa função como a.

Sugere-se ainda a ativação do Centro de Coordenação Logística, desde a fase de planejamento de uma OMP, tendo em vista o ganho em eficiência visualizado ao se adotar essa estrutura.

Dessa forma, procurou-se contribuir para a discussão da logística aplicada aos GptOpFuzNav em OMP deixando um legado ao CFN, corroborado pelos ensinamentos de Otto Von Bismarck: "Os tolos dizem que aprendem com os seus próprios erros, eu prefiro aprender com os erros dos outros."

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Tomás de Aquino Tinoco. **A Logística nas Operações de Paz: Os Fuzileiros Navais na MINUSTAH: Lições e Aprimoramentos**. 2008. 49f. Monografia (Curso de Política e Estratégia Marítima) – Escola de Guerra Naval, Marinha do Brasil, Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN 0-1: Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro, 2008a.

_____. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN- 1-8 - Manual de Operações de Paz dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro, 2009.

_____. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **Notícias e Eventos do Corpo de Fuzileiros Navais**. Fuzileiros Navais Muito Além do Dever. Rio de Janeiro, 2008b.

_____. Exército Brasileiro. **MINUSTAH**. [2004]. Disponível em <<http://www.exercito.gov.br/03ativid/missaopaz/minustah/histori.htm>>. Acesso em: 02 jul. 2009.

_____. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. **EMA-400 - Manual de Logística da Marinha**. Brasília, 2003.

_____. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. **EMA-402 – Operações de Manutenção da Paz**. Brasília, 2002a.

_____. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. **EMA-429 – Capacitação das Organizações Militares Prestadoras de Serviços Industriais (OMPS-I) da MB**. Brasília, 2001.

_____. Ministério da Defesa. **MD35-G-01 – Glossário das Forças Armadas**. Brasília, 2007a.

_____. Ministério da Defesa. **MD34-M-02 – Manual de Operações de Paz**. Brasília, 2007b.

_____. Ministério da Defesa. **MD42-M-02 - Doutrina de Logística Militar**. Brasília, 2002b.

_____. Ministério das Relações Exteriores. **HAITI**. [2005]. Disponível em <<http://www2.mre.gov.br/dcc/haiti.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2009.

CASTRO, Oswaldo Queiroz de. **Relatório de Fim de Comissão – 2º Contingente Haiti**. Rio de Janeiro, 2005.

CHAIB, Carlos Jorge de Andrade. **Armas Não-Letais**. O ANFÍBIO no. 23 – ano XXIV. 2004. p. 105-114.

CHAMPLONI, Miguel Angelo dos Santos. **Logística no Haiti**. A Marinha do Brasil na

Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti e as Lições Aprendidas. 2008. 22f. Monografia (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) – Escola de Guerra Naval, Marinha do Brasil, Rio de Janeiro, 2008.

CORRÊA, André Laranja Sá; MENDES, Antonio Cezar de Oliveira. **A Desmobilização de uma Força de Paz brasileira valor Batalhão.** [2006]. Monografia (Altos Estudos Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Rio de Janeiro. Disponível em <www.eceme.ensino.eb>. Acesso em: 28 jun. 2009.

COSTA, Marco Antonio Nepomuceno da *et al.* **O Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais Haiti: o pouso do Albatroz.** O ANFÍBIO no. 23 – ano XXIV. 2004a. p. 9-18.

COSTA, Marco Antonio Nepomuceno da. **Relatório de Fim de Comissão – 1º Contingente Haiti.** Rio de Janeiro, 2004b.

DIAS, Marcelo Guimarães; FILHO, Pedro Fernando Zonzin. **Contribuição ao desempenho dos GptOpFuzNav Haiti com a incorporação das viaturas PIRANHA.** ÂNCORAS E FUZIS no. 38 – Ano VIII – 2009. p- 10-14.

ELKFURY, José Henrique Salvy. **Haiti-2004: Contribuições do CMatFN.** O ANFÍBIO, Rio de Janeiro, v. 24, n. 23. 2004.

LOPES, Celso Soares. **Força de Paz: perspectivas e apoio logístico.** O ANFÍBIO – no 18 – Ano XIX – 1999. p.13 -22.

ONOFRE, Alejandro Guevara. **Do Slavery à Liberdade. Uma história de Haiti.** 2007. Disponível em: <http://www.articleset.com/Politica-e-governo_articles_pt_Do-slavery-a-liberdade-Uma-historia-de-Haiti.htm>. Acesso em: 10 jun. 2009.

PEREIRA, Augusto Heleno Ribeiro. **Operação de Paz no Haiti.** 2005. 38f. Brasília, 2005. Disponível em: <www.planalto.gov.br/gsi/SAEI/paginas/operacoesdepaz.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2009.

RIBEIRO, Luciano Roberto Melo. **Corpo de Fuzileiros Navais: Combatentes Anfíbios do Brasil.** Rio de Janeiro, Action Ed., 2007. 144 p.il.

RULFF, Jorge José de Moraes. **Operação Haiti – Aspectos Navais.** O ANFÍBIO no. 23 – ano XXIV. 2004. p. 9-1.

SILVA, Jorge Luiz Pereira da; COSTA, Walmir Lima; SAMPAIO, Erico Jose. **A Participação dos Fuzileiros Navais em Angola e o Batalhão de Proteção de Fuzileiros Navais.** O ANFÍBIO – no 18 – Ano XIX – 1999. p.33.

SILVA, José Carlos Ribeiro da. **A paz em Angola e a participação do Corpo de Fuzileiros Navais.** O ANFÍBIO – Ed. Especial – Ano XXVII – 2008. p.90-95.

THEODORE Roosevelt. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u30.jhtm>> Acesso em: 12 jul. 2009.

VASCONCELOS, Antonio Quixadá *et al.* **Relatório Final: Grupo de Reconhecimento Haiti.** Brasília, 2004.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. **Conflito no Atlântico Sul**. Revista Marítima Brasileira. v.105, n 01/03.p.17. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, jan./mar.1985.